

# SEWING CROSS

v. 02 n. 01

jan.-jun. 2025

USP



## EDITORIAL

Quando se pensa no volume e na quantidade de conteúdos, dados e informações que se vêm produzindo cotidianamente, a cada instante, desde o que seria o início do processo de digitalização do mundo (e de midiatização da vida), sabidamente em rota de ampliação acumulativa exponencial, corre-se o risco de se dar por esquecido aquilo tudo que se produziu antes. Ou pior: por desimportante. Os mecanismos de busca, com suas muitas páginas de “respostas” a qualquer banalidade indagada, bem como as inesgotáveis “timelines” (que de lineares já não têm mais quase nada) das redes sociais digitais e a invisível, mas muito presente e presumível, “nuvem” onde se depositaria essa suposta totalidade das coisas produzidas no digital, e ainda a sombria capacidade produtiva dos algoritmos e da “big data”, tudo isso faz supor que do que não esteja disponível em bits e nas telas não se deva saber nada. Pois não é bem assim.

A revista *Cruzeiro Semiótico*, no segundo número da sua nova vida (em contexto digital!), faz evidenciar que não. Faz ver que há verdadeiros tesouros escondidos nas areias do analógico, prontos a serem de lá resgatados. Não se trata daquele trabalho propriamente museológico ou arqueológico, mais claramente dedicado a recuperar do esquecimento e do desconhecimento o que tem valor no contemporâneo. Trata-se de dar sobrevida a textos a um só tempo antigos – a ponto de não estarem, em sua maioria, acessíveis aos que só transitam pelas infovias – e atuais – de modo que se reconheçam neles as marcas das últimas décadas pré-internet. São conteúdos essenciais porque, ao serem revelados – mais do que isso, ao terem seu acesso ampliado –, ajudam a recapear a vala aberta na produção acadêmica nessa relativamente recente produção intelectual no campo das linguagens e da semiótica, sempre envolvidas com questões sociais, comunicacionais, culturais e artísticas.

Pois é o que estamos fazendo. A despeito de praticamente todos os textos da “*Cruzeiro antiga*” estarem disponíveis na internet desde há muito, é só agora, com a devida digitalização em forma de texto de seus artigos (e não como PDF – imagem, como antes), que o fantástico se revela, que o formidável se viabiliza. Agora, textos expressivos das mais brilhantes ideias de nomes como Greimas e Eco estão entregues às engrenagens dos mecanismos de busca e susceptíveis aos comandos de localizar, copiar e colar, tão úteis às citações típicas dos trabalhos acadêmicos.

Algirdas Julien Greimas abre este número, com texto de alta complexidade, em que exercita raciocínio epistemológico de raro refinamento. A total ausência de

citações, ao contrário do que pode parecer, adiciona uma camada outra de elaboração, demandando atenção do leitor. Que, por sua vez, só vai se deleitar, por exemplo ao reconhecer o precoce do pensamento do autor a respeito do desenvolvimento das teorias da linguagem, considerando a importância da semiótica em outros campos do conhecimento. A certa altura, Greimas fala em “inteligência artificial” – que tal? Importante: era 1989.

Ana Claudia Mei Alves de Oliveira, em texto de 1985, explora com grande desenvoltura – e em texto de inspirador aspecto autoral – a abertura da semiótica à antropologia. Combina com precisão, naturalidade e maestria conceitos de Peirce e Saussure, superando preconceitos e divergências menores, em favor de uma análise semiótica tão indomada quanto necessária – ainda hoje.

Ao propor o conceito de “universo fiduciário”, Claude Zilberberg nos oferece contribuição inovadora sobre os processos de produção de sentido. Na visão do autor, o valor deixa de ser apenas uma instância objetiva ou funcional e passa a ser compreendido como resultado de um investimento subjetivo de crença por parte dos sujeitos.

Diana Luz Pessoa de Barros, joia brasileira da semiótica de tradição greimasiana, surge nesta edição com mais um dos seus típicos textos, desses que combinam a densidade teórica dos que conhecem a semiótica a fundo com o didatismo e a clareza dos que, mesmo quando escrevem, não deixam de querer ensinar. “Problemas de enunciação” é artigo precioso, que explora “o texto também como um pretexto do contexto”, não deixando esquecer algo que ainda hoje nos parece indispensável considerar: que “a enunciação começa, assim, a aparecer como estrutura de mediação entre o discurso e seu contexto”.

O artigo de Eric Landowski, “A carta como ato de presença”, é talvez o mais evidentemente emblemático do profundo sentido de urgência que um trabalho de reedição como este não deixa de ter. Ao dar refinado tratamento conceitual, em 1989, à carta, objeto hoje quase desaparecido, o autor faz enxergar os elementos semióticos presentes nesse tipo de objeto, hoje tão raro quanto multiplicado no digital, em mensagens múltiplas, infinitas.

O artigo “Littérature, représentation et référence - réflexions préliminaires”, de François Rastier, discute o estatuto do sentido na literatura, criticando a tradição que entende o texto como representação de uma realidade externa. O autor propõe uma abordagem semântica em que o sentido é construído internamente, dentro do próprio sistema linguístico. E ainda defende uma necessária abordagem das ciên-

cias humanas que leve em conta a especificidade dos sistemas simbólicos, como a literatura.

Jean-Marie Floch, por sua vez, vai fundo na questão da imagem, oferecendo artigo central a todos que queiram compreender essa importante manifestação semiótica. “Imagem, signos, figuras: a abordagem semiótica da imagem” pode parecer, aos incautos, texto defasado, por, sendo de 1985, não contemplar as imagens digitais. Mas a leitura completa do artigo prova o contrário: que não se pode querer compreender o papel desempenhado pelas imagens geradas hoje artificialmente sem esse embasamento semiótico. Vale citar: “o semioticista interessar-se-á menos pela iconicidade enquanto tal do que pela iconização, quer dizer pelos processos do fazer parecer ‘real’; mais ainda, ele integrá-los-á no conjunto das estratégias de discursos – verbais ou não verbais, lembremo-lo – visando a produzir tanto o efeito de ‘realidade’, como os de ‘surrealidade’, de ‘irrealidade’ ou ainda de ‘hiper-realidade’”. Está tudo aí.

Daí vem Jacques Fontanille, com o artigo “Portrait-Robot de l’actant manquant”, em que propõe uma análise semiótica da enunciação no contexto de um atendimento terapêutico, com foco na construção do dito “actant manquant”, que pode ser traduzido como o “actante ausente”. O autor propõe um modelo de regimes intersubjetivos que articula conflito, contrato e cooperação na construção do sentido, compreendendo, em resumo, que, ao tentar esconder algo, o paciente acaba revelando – pouco a pouco – o contorno de um sujeito implícito.

O artigo de Patrick Charaudeau, publicado originalmente exatos 40 anos atrás, é exemplo de objetividade e organização. Tudo aquilo que o título sugere e antecipa – “Uma teoria dos sujeitos da linguagem” – se cumpre, com a apresentação sempre muito clara de pressupostos e definições. A hipótese, confirmada, serve de atrativo para a leitura: “partindo da hipótese de que é possível estudar a linguagem tendo em conta a sua dimensão psicossocial, nós queríamos mostrar que uma teoria do discurso não pode passar sem uma definição dos sujeitos do ato de linguagem”. Como contestar?

Roland Posner nos brinda com artigo de alta inspiração – “Língua falada – língua escrita – língua planejada” –, em que entremeia com propriedade rara a história da língua e da fala, propondo visão crítica sobre as línguas planejadas, muito em voga no tempo da publicação original do artigo, 1984. Impossível não se encantar com trechos como este: “signos e cultura são interdependentes como o esteio e as gavinhas de uma planta trepadeira, tendo o esteio de ser renovado não só depois de as gavinhas terem ultrapassado o seu apoio em demasiados pontos, mas também

quando o crescimento dessas gavinhas não vai para além de determinado limite se não forem suportadas pelo esteio”.

E, como se não faltasse mais nada, este segundo número dessa nova “temporada” da *Cruzeiro Semiótico* (que esperamos seja muito longa), se encerra com artigo de ninguém menos do que Umberto Eco. A leitura de “A Epístola XIII e o alegorismo medieval” deixa nítida para qualquer um a genialidade do autor, seja na desenvoltura com que lida com uma densa e sofisticada lista de referências, seja no seu entendimento, tão sofisticado quanto autêntico, das construções de sentido em distintas épocas da história – com destaque para a Idade Média, claro – em alegorias e simbolismos. Os trechos citados em latim e italiano, sem tradução, já não podem mais ser vistos – se é que então foram – como pernosticismo à-toa ou erudição balofa. Hoje, facilmente se consegue saber o que querem dizer e o texto como um todo fica ainda mais saboroso.

Ler ou ler de novo esses artigos, publicados em outro tempo, em outra dinâmica espacial, provoca misto de sentimentos. Um pouco de nostalgia, claro, porque deve ter sido muito bom esse tempo em que estávamos todos vivos, entre Floches, Ecos e Greimases. Um tanto de satisfação, por reconhecer as muitas décadas de trabalho de gente brilhante que ainda está por aí, como Charaudeaus, Rastiers e Fontanilles. Bastante orgulho, de ver nossas pratas-ouro brasileiras sendo publicadas (e lidas) alhures, como no caso de Claudias e Dianas. Mas, claro, também certa ansiedade, por perceber que o tempo passa rápido demais, que as questões de que tratávamos naqueles bons fins de século XX já se encontram devidamente ampliadas, multiplicadas e complexificadas, demandando de nós e dos que ainda virão um esforço imenso – tão imenso quanto o talento dos autores aqui mencionados e o brilho dos seus artigos agora republicados. Vamos adiante!

**BRUNO POMPEU**

São Paulo  
Abril de 2025

COMO CITAR

CÓMO CITAR

POMPEU, Bruno. Editorial. *Cruzeiro Semiótico*, São Paulo, v. 2, n.1, p. 1-5, jan.-jun., 2025.

